Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Kelvin Ricardo Sobral

Pedagogia do esporte: considerações acerca da modalidade handebol

Campinas

2016

KELVIN RICARDO SOBRAL

Pedagogia do esporte: considerações acerca da modalidade handebol

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA DEFENDIDA PELO ALUNO KELVIN RICARDO SOBRAL E ORIENTADO PELO PROF. DR. ROBERTO RODRIGUES PAES.

Campinas

2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

So12p

Sobral, Kelvin Ricardo, 1993-
Pedagogia do esporte : considerações acerca da modalidade handebol / Kelvin Ricardo Sobral. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes-Pedagogia. 2. Iniciação esportiva. 3. Handebol. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Sport pedagogy: considerations about handball
Palavras-chave em inglês:
Sport-Pedagogy
Sport initiation
Handball
Titulação: Bacharel
Banca examinadora:
Thiago José Leonardi
Data de entrega do trabalho definitivo: 05-07-2016

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Orientador

Prof. Ms. Thiago José Leonardi

Banca

Dedico esse trabalho a Deus, minha família, namorada e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tantas dádivas e oportunidades que tive e tenho em minha vida, e por tantas pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho.

Aos meus pais pela formação incrível que me proporcionaram, em relação aos valores éticos e morais transmitidos, e ao amor incondicional dedicado, o qual me ensinou a amar ao próximo e buscar sempre fazer o bem e o meu melhor sempre. E ao apoio incessante às minhas ideias, sonhos, e projetos.

À minhas irmãs e irmão, Karen, Kelly e Ed, que ajudaram, e muito, a criar o "caçula". E me proporcionaram milhares de experiências decisivas na minha formação como individuo, assim como um desenvolvimento intelectual gigantesco a partir da convivência com pessoas mais velhas.

À enorme família, que sempre me apoiou, e a qual carregarei comigo onde quer que vá, com muito orgulho e responsabilidade.

À minha namorada, Mariana, que há seis anos compartilha sua vida comigo, com a qual cresci muito. Tudo é melhor ao seu lado, e mais fácil com seu apoio. Boa parte do que eu conquistei tem uma parcela sua.

Aos meus amigos, que desde muito pequeno, foram um dos meus principais "combustíveis" para a vida.

Destaco os da infância, representados pela Rafaela, Juninho (primo, amigo, irmão) e Julião. Com os quais cresci, e desenvolvi, dentre muitas coisas, a minha paixão pelo esporte através de muitas "peladas" de basquete, vôlei, futebol, handebol, polo aquático, jogos inventados, e tudo o que tínhamos direito.

Os irmãos há tantos anos, Victor (Vitão), Arthur (Tutu), Vinicius (Primo), Ricardo (Bona) e Guilherme (Guido), somando aos meu pais adotivos Carlão e Eliane. Sou imensamente grato por ter vocês em minha vida.

Aos grandes amigos do AG, em especial Dyego, Hugo, Iago, Menotti, Voivo, que mesmo depois de anos e com a distância que a vida nos impôs, tem vital importância para mim.

E aos amigos da FEF e da Unicamp, principalmente da turma 011 Diurno e os moradores da república inferno, que tornaram esses anos muito mais intensos e divertidos, com quem dividi alegrias e tristezas, e sem duvida inúmeros aprendizados.

Ao professor Tadeu, de educação física no ensino fundamental, que foi quem me apresentou e despertou minha paixão por diversos esportes, inclusive o handebol.

À todos os meus técnicos, que de alguma forma contribuíram para minha formação como atleta, mas também como técnico, representados pela Fernanda (Fer), Naira, Fernanda Duarte, Tiago Borgmann, Cintia Ramari, Luiza, Bianca e Lucas (Huck). Com vocês aprendi muito, com os erros e acertos, com conversas, com atitudes, entre outras coisas. Sou muito grato a todos!

Ao professor Roberto Paes, que através da disciplina de Pedagogia em basquetebol me fez acreditar que é possível ensinar bem e a qualquer um. Também pelo imenso apoio e confiança dados a mim.

Ao Thiago Leonardi, pela incondicional dedicação em ajudar os outros, por tudo que me ensinou, e por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava.

Aos professores de graduação, em especial à professora Heloisa Reis pelas oportunidades que me possibilitou e ao professor Sérgio Giglio pela sua dedicação ao esporte e aos alunos.

À família do handebol masculino da FEF, que ajudei a construir, e onde tive maior prazer em jogar handebol, ao lado de tantas pessoas incríveis.

À equipe de handebol feminino da FEF, meu primeiro time, onde tive minhas primeiras conquistas, sendo a maior delas conseguir ensinar a jogar e a gostar de handebol. Muito obrigado por tudo que vocês me ensinaram meninas!

Às equipes do Direito Facamp, ADM/ECO Facamp, Economia Unicamp e Seleção Feminina da Unicamp, que cada uma com suas particularidades, me ensinou e me proporcionou momentos maravilhosos.

Aos meus auxiliares que tanto me ajudaram e ensinaram: Chicão, Renan, Vitinho, João, Lucas e Léo.

À todos os parceiros de atlética, em especial ao Gustavo Zani, que me ajudaram e ensinaram na eterna busca por um esporte universitário melhor.

Por fim a todos os funcionários e alunos do SESC Campinas, em especial ao grande parceiro de estágio Gui Telles, pelo ano maravilhoso que passamos juntos e por todo o crescimento que o mesmo me proporcionou.

SOBRAL, K. R. **Pedagogia do esporte:** considerações acerca da modalidade handebol. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

RESUMO

Com o crescimento do esporte em adeptos, possibilidades e significados, cresce também cada vez mais a demanda por investigações dentro das ciências do esporte, e assim também na pedagogia do esporte. O objetivo desse trabalho foi investigar e fornecer alguns indicativos para o processo de ensino, vivência e aprendizagem do handebol. Esse processo se deu através de pesquisa bibliográfica acerca da pedagogia do esporte e das diferentes metodologias do ensino dos jogos coletivos. Para contextualizar a modalidade, foi realizado um histórico e breve caracterização do handebol. Como resultado da pesquisa acerca da pedagogia do esporte, foi identificado que as novas tendências da pedagogia do esporte vêm apontando para um ensino do esporte centrado no aluno, que considere a possibilidade de educação não só para o esporte, mas também por meio dele, almejando a formação integral de indivíduos críticos. Tradicionalmente o ensino dos esportes coletivos era fragmentado e descontextualizado da realidade do jogo, com seu foco maior nos elementos técnicos. A partir da década de 1980 novas correntes passam a defender metodologias que respeitem e reproduzam a essência complexa e imprevisível dos jogos coletivos, nas quais o jogo é ferramenta para aprender, e não apenas o produto final após a assimilação dos conteúdos isolados. Dentre diversas metodologias enquadradas nos parâmetros acima, destacamos o método situacional, proposto por Greco (1998), o qual defende o ensino dos jogos coletivos a partir de situações reduzidas, presentes no jogo, que podem ser manipuladas pelo professor para desenvolver nos alunos as capacidades técnicas, táticas e cognitivas. À medida que a capacidade de jogo dos alunos vai aumentando, as situações vão se tornando mais complexas. Acreditamos que abordagens como a do método situacional, no ensino do handebol, podem proporcionar grandes ganhos aos aprendizes, no seu desenvolvimento dentro e fora do jogo.

Palavras-Chaves: Pedagogia do Esporte; Iniciação Esportiva; Handebol.

SOBRAL, K. R. **Sport pedagogy:** considerations about handball. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ABSTRACT

With the sport growing fans, possibilities and meanings also grows increasingly demand for investigations within the sport sciences, and thus also in sport pedagogy. The aim of this study was to investigate and provide some indications for the teaching ,experience and learning process of handball. This process was through literature about sport pedagogy and different methods of teaching collective games. To contextualize the sport, there was a historical survey and brief description of handball. As a result of research on the sport pedagogy, it was identified that the new sport pedagogy trends have pointed to a sport teaching student-centered, to consider education not only for sports but also through it, aiming the integral formation of critical individuals. Traditionally the teaching of team sports was fragmented and decontextualized of the reality of the game, with its increased focus on technical elements. From the 1980s new trends come to defend methodologies that respect and reproduce the complex and unpredictable nature of collective games, in which the game is tool to learn, not just the final product after the assimilation of isolated content. Among various methodologies framed in the above parameters, we highlight the situational method proposed by Greco (1998), which advocates the teaching of collective games from reduced situations in the game that can be handled by the teacher to develop in students the skills technical, tactical and cognitive. As the playability of students increases, the situations become more complex. We believe that approaches such as the situational method in teaching handball, can provide big gains for apprentices in their development inside and outside the game.

Keywords: Sport Pedagogy; Sport Initiation; Handball.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JEC	Jogos esportivos coletivos
LHESP	Liga de Handebol do Estado de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Liga nacional de handebol feminino 2012-2015..... 23

Quadro 2 - Liga nacional de handebol masculino 2012-2015..... 24

Quadro 3 - Meios técnico-táticos 25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13

2 PEDAGOGIA DO ESPORTE..... 15

2.1 Pedagogia dos esportes coletivos..... 17

2.1.1 Métodos de ensino dos JEC..... 18

2.1.1.1 Método analítico..... 18

2.1.1.2 Forma centrada nos jogos condicionados..... 18

2.1.1.3 Teaching games for understanding..... 19

2.1.1.4 Método situacional..... 20

2.2 Qual metodologia utilizar?..... 20

3 HANDEBOL..... 22

3.1 História do handebol..... 22

3.1.1 Handebol no Brasil..... 22

3.2 A modalidade..... 24

4 PEDAGOGIA DO ESPORTE APLICADA AO HANDEBOL..... 27

4.1 Indicativos para o ensino a partir do método situacional..... 27

4.1.1 O uso dos coringas..... 28

4.1.2 As capacidades cognitivas e o treinamento tático..... 28

4.1.3 As estruturas funcionais..... 29

4.1.4 Superioridade numérica ofensiva..... 30

4.1.5 Marcação individual..... 30

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 32

REFERÊNCIAS..... 34

1. INTRODUÇÃO

O handebol é uma modalidade muito praticada no Brasil, principalmente dentro das escolas. No entanto se manter praticando a modalidade

O campeonato paulista na categoria mirim (de 10 a 12 anos), no ano de 2016 conta com nove equipes no naipe feminino e sete no naipe masculino. Em outro popular campeonato do estado, a Liga de Handebol do Estado de São Paulo (LHESP), a mesma categoria conta com três equipes em cada naipe.

Na categoria infantil (de 12 a 14 anos), o campeonato paulista conta com dez equipes no naipe feminino e nove no masculino. Já a LHESP, conta com sete no feminino e nove no masculino.[1] [2]

Somadas, as equipes presentes nas duas categorias nessas ligas são 57. Se todas as equipes forem compostas por 20 atletas, seriam 11.400 crianças competindo na modalidade na faixa dos 12 aos 14 anos, no estado.

Segundo o censo de 2010[3], no estado de São Paulo havia 3.324.913 crianças na faixa etária das categorias mirim e infantil. Portanto, a porcentagem de crianças que está competindo em handebol nessas duas ligas é de 0,34% em relação ao contingente geral do estado, o que é uma quantidade bastante limitada.

Se manter na prática a partir dos 17 anos se torna mais difícil pois são poucos os clubes que tem condições de sustentar uma equipe profissional (FERRAZ; KNJINIK, 2009).

Apesar de algumas condições adversas na estrutura da modalidade no país, as seleções nacionais têm apresentado bons desempenhos nas principais competições internacionais, em especial com a seleção feminina, que se tornou campeã mundial em 2013.

Acreditamos que para o crescimento da modalidade no país, um dos pontos a ser melhorado é o ensino do handebol.

Ter a oportunidade de ensinar esporte é algo magnífico, que transcende em muito os aspectos técnicos. No entanto, apenas a paixão pelo esporte não é suficiente para promover o aprendizado dos alunos, assim como o conhecimento metodológico também não é capaz por si só.

[1] Disponível em: http://www.fphand.com.br/
[2] Disponível em: http://lhesp.com.br/
[3] Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/

Para ensinar é preciso se importar com aquele que aprende. E mais que isso, é necessária uma busca constante por meios de proporcionar ao aprendiz as condições necessárias para tal, de acordo com as necessidades e particularidades do mesmo.

Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é investigar o processo de ensino, vivência e aprendizagem do handebol, com o foco na iniciação à modalidade, e fornecer indicativos pedagógicos para o mesmo.

Para cumprir os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa bibliográfica na Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp, na Biblioteca Digital da Unicamp e na base de dados Google Acadêmico, sobre pedagogia do esporte, ensino dos jogos coletivos e ensino do handebol.

O trabalho foi dividido em três etapas. A primeira trata da pedagogia do esporte, e mais especificamente, da mesma aplicada aos esportes coletivos, explicitando alguns modelos de ensino.

A segunda caracteriza a modalidade handebol, foco do estudo, trazendo um breve histórico e contextualização da modalidade.

E a terceira relaciona as duas anteriores, fornecendo indicativos pedagógicos à iniciação ao handebol a partir do método situacional.

2. PEDAGOGIA DO ESPORTE

Para discorrer acerca da pedagogia do esporte, é necessário evidenciar alguns pontos do fenômeno esporte, componente esse em que a disciplina se pauta e ao mesmo tempo participa ativamente.

Sobre o esporte, seu impacto e importância na sociedade contemporânea, Reverdito, Scaglia e Paes (2013, p.19) fazem as seguintes considerações:

> O alcance do esporte no início do século XXI coloca-o como um dos mais representativos fenômenos socioculturais, sustentando significados e finalidades plurais, uma vez que se insere em diferentes cenários e alcança personagens dos mais diversos grupos sociais.

A prática esportiva é uma das possibilidades do fenômeno esporte, e a mesma pode ser benéfica a pessoas de todas as idades através da melhora da saúde e condição física, da sociabilização, da apropriação da cultura da comunidade em que está inserida, entre outros ganhos (GRAÇA; MESQUITA, 2006).

Acerca das múltiplas possibilidades de significado da prática esportiva, Proni (1998, p. 75) discorre que "(...) uma mesma modalidade pode ser desfrutada como prática recreativa, ser ensinada como atividade pedagógica, ou ser comercializada como espetáculo de massa."

Acompanhando o crescimento do esporte, também crescem os estudos relacionados a esse tema, em suas mais variadas ramificações, que por vezes se permeiam, para responder os questionamentos plurais que suscitam do fenômeno.

A pedagogia do esporte é uma disciplina dentro das ciências do esporte que trata de todos os fatores que influenciam o processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, não apenas visando a atuação do aluno dentro do ambiente esportivo, mas também contribuindo para a formação integral do mesmo, educando através do esporte, dentro de suas diferentes manifestações e sentidos (MARQUES, 2006; LEONARDI et al., 2014; GALATTI et al., 2014).

O ensino do esporte traz consigo uma gama de possibilidades educativas para além do universo esportivo, que com o tratamento pedagógico adequado, pode contribuir com o desenvolvimento da personalidade, do convívio em grupos, do senso crítico, entre outros aspectos sociais (GRAÇA; MESQUITA, 2006; FREIRE, 1998).

Para balizar a construção da prática de ensino, foram propostos por Paes (1996) dois referenciais: o técnico-tático e o socioeducativo. Posteriormente, Machado et al (2011) incluíram um terceiro referencial: o histórico cultural.

Na Figura 1, são evidenciados os três referenciais abordados pela pedagogia do esporte:

Figura 1: Referenciais da pedagogia do esporte. Fonte: Machado (2012 p.135).

Todos os três referenciais tem importante papel nos processos de ensino do esporte, e cabe aos professores incorporá-los dentro de sua prática pedagógica, planejando as ênfases dadas a cada um de acordo com seus alunos, o contexto em que estão inseridos e os objetivos dessa prática.

Ensinar é ajudar alguém a aprender, ou proporcionar condições para que isso aconteça. (GRAÇA; MESQUITA, 2006).

É necessário ao professor, além do conhecimento específico do objeto de ensino, no caso o jogo de handebol, ter uma formação pedagógica sólida e plural, para promover através da relação dessas duas bases, a aplicação de metodologias que possibilitem o sucesso no processo de ensino, ou seja, a aprendizagem (MESQUITA; GRAÇA, 2006).

Mostra-se importante destacar que o foco do ensino tem que estar sempre sobre o principal personagem envolvido: o aluno (FRIGATO, 2000). E de acordo com suas respostas

aos estímulos ofertados, o professor deve promover adaptações em busca de maximizar o desenvolvimento e aprendizado.

Freire (1998) destaca ainda outro aspecto de grande importância para o ensino do esporte: o prazer. O autor defende que é preciso ensinar o gosto pelo esporte, e não apenas o esporte.

Essa apropriação emocional do esporte pode ter papel importante na continuidade do aluno como praticamente da modalidade, mesmo que este não chegue ao alto nível. Este pode participar em espaços de lazer ou amadores, assim como consumidor, assistindo a jogos, acompanhando a mídia, investindo no esporte, e etc.

Para tal, os professores têm de buscar desenvolver suas aulas de forma que essas motivem e despertem o interesse do aluno, personagem principal do processo, para a prática esportiva, respeitando sua história e características individuais (MESQUITA; GRAÇA, 2006).

Oliveira (2002) destaca que o professor precisa considerar algumas questões para basear sua prática pedagógica, dentre elas: Qual a modalidade a se ensinar? Qual ou quais são os personagens envolvidos? Em qual cenário eles se encontram? E quais os objetivos daquela prática?

Mais uma vez evidenciando o fato de que o professor deve ser sensível para o ambiente em que atua, para desenvolver seu trabalho de forma adequada ao mesmo, pois cada contexto tem características singulares.

2.1 Pedagogia dos esportes coletivos

Os Jogos Esportivos Coletivos (JEC), contam com algumas características específicas, nomeadas por Bayer (1994) como invariantes. São elas: o implemento (em geral uma bola); o espaço de jogo; um alvo a atacar e outro a defender; colegas; adversários; regras de jogo.

O mesmo autor estabelece os princípios operacionais que regem as modalidades coletivas de invasão, incluindo o handebol. Os ofensivos são: manter a posse de bola; progredir em direção ao alvo e finalizar ao alvo. E os defensivos diretamente opostos: recuperar a posse de bola; impedir a progressão da equipe adversária; impedir a finalização ao alvo.

Uma das principais características dos JEC é a imprevisibilidade, derivada das interações entre os jogadores, e das possibilidades de ação de cada um deles dentro do ambiente do jogo.

Devido ao fator citado no parágrafo acima, para que o praticante obtenha sucesso nos JEC, é necessária constante adaptação às novas situações impostas, e suas ações dependem de fatores psicológicos, físicos, táticos, técnicos, entre outros (GARGANTA, 1995).

2.1.1 Métodos de ensino dos JEC

Tradicionalmente os modelos de ensino do esporte mais utilizados são os tecnicistas, com caráter reducionista, os quais se tratam do ensino fragmentado das modalidades, partindo da premissa que a soma das partes isoladas do jogo formam o todo (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

Essas metodologias tendem a seguir uma lógica mais racional e menos sensível, muitas vezes culminando na especialização precoce, tendo como foco a competição, desenvolvida nos moldes profissionais adultos, e considerando o sucesso nas mesmas como método majoritário de avaliação (SANTANA, 2012).

Nas últimas décadas, diversos estudiosos da pedagogia do esporte vêm questionando os modelos que se enquadram nos padrões supracitados, e sugerindo novas possibilidades metodológicas, que buscam aproximar o ensino dos JEC de sua natureza essencialmente complexa.

A seguir serão expostos alguns dos métodos de ensino presentes na literatura.

2.1.1.1 Método analítico

Greco (1998) descreve o método analítico, o qual consiste no ensino fragmentado da técnica, em que as partes são ensinadas separadamente, repetidas diversas vezes, e ao fim se juntam para ganhar significado no jogo completo.

Essa metodologia é muito questionada, em especial quando utilizada na iniciação, pois trata do ensino da técnica descontextualizado da tática, o que pode ocasionar problemas na hora da aplicação dos gestos estereotipados dentro do contexto dinâmico dos jogos coletivos.

2.1.1.2 Forma centrada nos jogos condicionados

Garganta (1995) propõe uma metodologia de ensino dos jogos coletivos que os decompõe não mais em elementos técnicos, mas em unidades funcionais. Essas unidades funcionais são: eu – bola; eu – bola – alvo; eu – bola – adversário-alvo; eu – bola – colega – adversário-alvo; eu – bola – colegas – adversários-alvo; eu – bola – equipe – adversários-alvo.

O objetivo dessa proposta é proporcionar ao aprendiz atividades com progressivo aumento de complexidade, contendo cada vez mais variáveis e situações presentes no jogo completo. Dessa forma, espera-se que o mesmo possa criar paulatinamente mais respostas às condições impostas, que assim como as condições, também vão se tornando mais elaboradas e complexas.

2.1.1.3 Teaching games for understanding

O modelo "teaching games for undestanding", ou em português "ensinando jogos para compreensão" foi proposto por Bunker e Thorpe (1982).

Segundo Mesquita e Graça (2006), esta proposta surge pautada nas teorias construtivistas de ensino. Isso significa que o aluno tem um papel central no processo, e constrói seu conhecimento à medida que busca soluções para as situações-problema a ele impostas.

O professor, no entanto, tem a função de mediar esse ambiente de aprendizado, direcionando e auxiliando o aprendiz em sua construção de conhecimento.

Como o nome evidencia, o modelo defende que as situações-problema se apresentem por meio de jogos. A aplicação dos mesmos ocorre em seis fases, descritas por Mesquita e Graça (2006):

- Apresentação de uma forma de jogo adequada aos alunos;
- A apreciação do jogo pelo aluno;
- A tomada de consciência dos problemas táticos inerentes ao jogo;
- A tomada de decisão – em que o aluno escolhe a opção técnica através de sua análise tática;
- O aprimoramento da técnica, caso necessário;
- A junção das fases anteriores objetivando o sucesso no jogo;

Nota-se a partir das fases supracitadas, que o modelo abrange tanto a técnica quanto a tática, porém, a primeira se apresenta a partir da segunda, quando se torna necessária.

2.1.1.4 Método situacional

Esse método, proposto por Greco (1998) também se firma na intenção de abarcar tanto o ensino das capacidades técnica, quanto das táticas, e também cognitivas, porém de forma unificada, através de simplificações das situações vivenciadas no jogo.

As situações de jogo são decompostas em unidades funcionais, que partem da situação de 1x0 para diversas outras como 1x1, 1x1+1, 2x1, e assim por diante.

Mesmo em versões reduzidas de jogo, essas unidades procuram manter os princípios e objetivos do jogo formal, com o intuito de aproximar o ambiente de aprendizado da realidade dinâmica do jogo.

Paralelamente ao aumento progressivo da complexidade das situações, vai ocorrendo a introdução das regras específicas da modalidade, assim como das regras e possibilidades táticas. O aluno não tem uma resposta certa a cada problema, e sim algumas possíveis.

Dentro do método situacional ainda constam os "jogos de inteligência e criatividade tática". Os mesmos se caracterizam por situações de oposição e colaboração simultânea, com alta exigência dos processos cognitivos de atenção, percepção, tomada de decisão, memória, etc (GRECO; MORALES; COSTA, 2013).

Outro ponto chave da metodologia é que a mesma preza pelo aprendizado do aprendiz através do jogo, ou seja, o aluno não necessita aprender para jogar, mas sim, jogando, ele desenvolverá cada vez mais sua capacidade de jogo, ascendendo a novos níveis de complexidade.

2.1.2 Qual metodologia utilizar?

Mesmo sendo diversas as metodologias de ensino dos JEC que contrapõe os modelos tradicionais, as mesmas convergem em alguns pontos balizadores. Em destaque: as resoluções de problemas, principalmente coletivos; a aproximação da realidade do jogo; o jogar para aprender; e a ação do professor através das situações problema que propõe aos seus

alunos, possibilitando que os mesmos construam seu conhecimento a partir das experiências vividas (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

Cabe ao professor escolher qual metodologia utilizar, de acordo com as características dos alunos e respostas dos mesmos aos estímulos, e também com os objetivos que regem a prática em questão.

3 HANDEBOL

3.1 História do handebol

Bayer (1994, p. 31) propõe que as origens dos esportes coletivos encontram-se nas "(...) tradições mais antigas e longínquas das sociedades primitivas ou civilizadas."

São grandes as divergências entre quais jogos da antiguidade são e quais não são, antepassados do handebol. Dentre os possíveis, são comumente citados o jogo grego "Urânia", descrito por Homero na Odisséia e o jogo Romano "Harpaston". Posteriormente, na idade média, há registros na Alemanha de um jogo chamado "Fangballspiel" (HUBNER; REIS, 2005).

São feitas muitas referências ao jogo "Hazena", originário da Tchecoslováquia, porém segundo Ferraz e Knijnik (2009), assim como os jogos citados no parágrafo anterior, o "Hazena" é distinto do handebol, e este ainda é popular na Eslováquia.

Para Ferraz e Knijnik (2009), o handebol é diretamente derivado do "Haandbol", que foi criado na Dinamarca em 1898, e adaptado na Suécia em 1911 mantendo o nome, já com diversas regras que perpetuam até hoje, como por exemplo, uma zona restritiva de seis metros.

O handebol de campo, primeiro a figurar nos Jogos Olímpicos, em 1936, teve sua gênese na Alemanha, criado pelo professor Karl Schellenz, sob influência do jogo Uruguaio criado pelo professor Gualberto Valetta denominado "El balon" e era disputado com onze jogadores (FERRAZ; KNJNIK, 2009; SILVA, 2013).

Em 1946 foi criada a Federação Internacional de Handebol. Os Jogos Olímpicos de 1972 forma os primeiros a englobar o handebol atual (de quadra) no naipe masculino, e em 1976 ocorre também a inclusão do naipe feminino (SILVA, 2013).

3.1.1 Handebol no Brasil

Por volta de 1930, o handebol chega ao Brasil através do intercâmbio com imigrantes judeus e alemães. O primeiro a chegar foi o handebol de campo, que teve seu primeiro jogo interestadual realizado em 1931 (SILVA, 2013).

Em 1940 é criada a Federação Paulista de Handebol, a mais antiga do país. Mas somente em 1954 é oficializado o handebol de quadra no estado, que logo despertou o

interesse da Confederação Brasileira de Desportos, que incorporou o esporte, criando um departamento (FERRAZ; KNIJNIK, 2009).

A partir de então a divulgação e massificação da modalidade no país aconteceu por meio de cursos de formação em handebol, e também através da inclusão do mesmo nos Jogos Brasileiros Escolares e nos Jogos Universitários Brasileiros na década de 1970. Ainda nessa década, acontecem os primeiros campeonatos nacionais da modalidade em diversas categorias. E em 1979 é fundada a Confederação Brasileira de Handebol (HUBNER; REIS, 2005).

As seleções nacionais tem sua primeira participação nos jogos em 1992 (masculina) e 2000 (feminina).

Até o presente momento, os melhores resultados obtidos foram no naipe feminino, com destaque para a conquista do campeonato mundial de 2013. No entanto a equipe masculina vem apresentando um alto nível competitivo frente às grandes potências mundiais da modalidade, o que ficou evidenciado nos dois últimos campeonatos mundiais (2013 e 2015), em que a equipe conseguiu a classificação para a segunda fase, e foi eliminada, em ambos, na fase de oitavas de final, perdendo por um gol para equipes de grande tradição no handebol mundial: Rússia e Croácia. [4]

Apesar de não haver estudos sobre o tema, uma grande possibilidade para a ascensão das seleções nacionais é a presença de atletas brasileiros, tanto homens quanto mulheres, atuando em clubes europeus.

No cenário interno da modalidade, sua visibilidade e estrutura organizacional ainda são limitadas, com baixa presença na mídia, e poucas entidades que proporcionam a profissionalização dos atletas.

A Liga Nacional de Handebol, principal competição do país, nas últimas edições contou com poucas equipes e foi vencida por poucas equipes como evidenciado nos quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Liga nacional de handebol feminino 2012-2015

Edição	Campeão	Vice-Campeão	Número de equipes
2012	Metodista/São Bernardo	Concórdia/UnC	7
2013	Concórdia/UnC	Metodista/São	11

[4] Disponível em: http://www.ihf.info/

		Bernardo	
2014	Metodista/São Bernardo	Supergasbras/ Concórdia/UnC	10
2015	Metodista/São Bernardo	Concórdia/UnC	6

Fonte: http://www.brasilhandebol.com.br/

Quadro 2 – Liga nacional de handebol masculino 2012-2015

Edição	Campeão	Vice-Campeão	Número de equipes
2012	E. C. Pinheiros	Metodista/São Bernardo	7
2013	TCC/Unitau/ Fecomerciarios/Taubaté	Metodista/São Bernardo	8
2014	TCC/Unitau/ Fecomerciarios/Taubaté	E. C. Pinheiros	11
2015	E. C. Pinheiros	TCC/Unitau/ Fecomerciarios/Taubaté	10

Fonte: http://www.brasilhandebol.com.br/

As grandes distâncias em nosso país continental proporcionam maiores gastos com os deslocamentos e costumam ser uma das intempéries para a participação de mais equipes.

Há indícios de que estão sendo realizadas alterações no formato da competição para torna-la mais acessível e comercial. Dentre elas: dividir a competição em três regiões, com uma fase final nacional a partir das quartas de final; As semifinais e finais serão disputadas em uma sede única. [5]

3.2 A modalidade

O Handebol é uma modalidade que integra os JEC, e é caracterizada por Menezes, Marques e Nunomura (2015, p. 464) como sendo:

> (...)um JEC de invasão e apresenta ambiente complexo no qual os jogadores devem utilizar elementos técnicos e táticos diferentes para alcançar seus respectivos objetivos, como anotar um gol ou impedir que o adversário o anote.

[5] Disponível em: https://handeboltaubate.wordpress.com/category/liga-nacional-masculina/

O jogo é disputado por duas equipes, cada uma delas com sete jogadores em quadra, sendo um deles o goleiro. A equipe vencedora da partida é aquela que consegue fazer mais gols ao fim da mesma.

Devido ao caráter imprevisível da modalidade resultante das relações de cooperação, oposição e invasão (FERRAZ; KNIJNIK, 2009), pensar na sua prática "Não se trata, somente, da organização dos conteúdos, mas também de buscar olhar de forma estratégica-tática para um jogo que é complexo, dinâmico e cada vez mais veloz" (CASTRO, 2013).

Ferraz e Knijnik (2009) destacam as fases de jogo de handebol, sendo as defensivas: retorno defensivo, zona defensiva temporária e defesa organizada ou posicionada. E as ofensivas: o contra-ataque, o ataque rápido e o ataque organizado ou posicionado.

Para obter sucesso nas diversas fases do jogo, os atletas se utilizam de meios técnico-táticos, ofensivos e defensivos, individuais e coletivos. Os quais são dispostos no quadro 3. São eles, segundo Menezes (2011): trajetórias, mudanças das trajetórias, desmarques, progressões e fintas (ofensivos individuais); fixações, passa e vai, troca de postos específicos ou permuta, cruzamento, penetrações sucessivas, bloqueio, pantalla, e cortina (ofensivos coletivos); deslocamentos, flutuação, dissuasão, marcação, cobertura, bloqueio (defensivos individuais); basculação, dobra, troca de marcação, deslizamento e contrabloqueio (defensivos coletivos).

Quadro 3 – Meios técnico-táticos

Ofensivos individuais	Ofensivos coletivos	Defensivos individuais	Defensivos coletivos
Trajetórias	Fixações	Deslocamentos	Basculação
Mudanças de trajetórias	Troca de posto específico (permuta)	Flutuação	Dobra
Desmarques	Passa e vai	Dissuasão	Troca de marcação
Progressões	Cruzamento	Marcação	Deslizamento
Fintas	Penetrações sucessivas	Cobertura	Contrabloqueio
	Bloqueio	Bloqueio	
	Pantalla		
	Cortina		

Fonte: Menezes (2011).

Há também os fundamentos técnicos, destacados por Silva (2013) como passe, recepção, arremesso e drible.

Os sistemas ofensivos mais utilizados são o 3:3 e o 4:2. Ambos com duas linhas de ataque. O primeiro com três jogadores em cada, sendo a primeira composta por dois armadores laterais (direito e esquerdo) e um armador central, e a segunda por dois pontas (direto e esquerdo) e um pivô. E o segundo com uma linha composta por dois armadores, e outra por dois pivôs e dois pontas (FERRAZ; KNIJNIK, 2009).

Já os sistemas defensivos podem ser divididos em zonais, individuais ou mistos (MENEZES, 2011).

O sistema individual pode ser realizado em toda a quadra de jogo, ou apenas na metade da quadra a ser defendida, e remete à responsabilização da marcação de um atacante específico para cada defensor, em uma curta distância, em posse de bola ou não (MENEZES, 2015). A utilização desse tipo de sistema tem fortes implicações pedagógicas na iniciação que serão abordadas no capítulo seguinte.

Os sistemas zonais consistem na responsabilização de uma região da quadra por um defensor. São divididos em sistemas abertos ou fechados.

Para Ferraz e Knijnik (2009) os sistemas fechados são o 6:0 e o 5:1, e o abertos são o 3:2:1 e o 3:3. Já para Menezes (2010) os sistemas com mais de uma linha defensiva são todos considerados abertos, incluindo os sistemas 1:5 e 4:2, apontando apenas como fechado o sistema 6:0.

Por fim, os sistemas mistos são compostos pela marcação individual de um ou mais jogadores, e da realização de defesa por zona dos demais jogadores. São eles: 5+1; 4+2; 3+3 (MENEZES, 2011).

4 PEDAGOGIA DO ESPORTE APLICADA AO HANDEBOL

Após realizar as revisões acerca da pedagogia do esporte e sobre o handebol, nessa parte do trabalho reafirmaremos alguns pontos destacados no item 2 do trabalho, e aprofundaremos a exposição sobre alguns aspectos propostos no método situacional, buscando sua aproximação com o handebol.

Como abordado no item 2 do trabalho, o ensino do esporte traz consigo múltiplas possibilidades, que ultrapassam o limite das quadras. O professor de handebol certamente tem a responsabilidade de ensinar os alunos a praticar a modalidade e buscar o aperfeiçoamento na mesma. Porém, é possível também por meio da prática esportiva ensinar valores, ética, desenvolver a autoconfiança, e diversos outros aspectos.

Para o ensino dos JEC, portanto do handebol também, foi evidenciada a importância de considerar os aspectos presentes no jogo, para se ensinar o mesmo. Em especial as características norteadoras de cooperação, oposição e invasão, que dão à modalidade um caráter imprevisível.

Segundo Menezes (2011), quanto mais estímulos os jogadores receberem, através da exposição e criação de respostas às situações-problema, maior será sua capacidade de tomar decisões adequadas no jogo.

Para tanto, é função do professor proporcionar ao aluno grande variabilidade de experiências, em todas as fases de jogo do handebol.

Como apontado no item 2.1.1, os JEC podem ser abordados através de diferentes métodos de ensino. Optamos por dar ênfase ao método situacional, o qual consiste em estruturas reduzidas de jogo, que objetivam diminuir a complexidade do mesmo sem perder a especificidade das situações reais de jogo.

Para nós, esse método respeita a estrutura dos JEC, através das estruturas funcionais, e proporciona ao aprendiz possibilidades de jogar de acordo com suas capacidades, e se desenvolver alcançando novos níveis de complexidade.

4.1 Indicativos para o ensino a partir do método situacional

Dentro das possibilidades de situações a serem trabalhadas no ensino do handebol (1x0;1x1;1x1+1;2x1;2x2;...), as variações plausíveis são inúmeras.

A situação de 1x0 de arremesso ao gol, por exemplo, pode ser realizada de diversas maneiras:

- Em diferentes regiões da quadra;
- Com arremesso em apoio, em suspensão, etc.;
- Com goleiro, com alvo (os) no gol;
- Com diferentes bolas (tênis, borracha, handebol)
- Em forma de competição/estafeta (quem acerta mais os alvos ou faz mais gols, quem os acerta mais rápido, etc.)

Da mesma forma pode acontecer com as situações mais complexas, que vão ganhando cada vez mais possibilidades.

4.1.1 O uso dos coringas

Greco (1998) defende o uso dos "coringas". Esses são jogadores que atuam apenas no ataque, porém não anotam pontos. Eles são representados pelo sinal de adição. Exemplificando: em uma situação 1+1x1, um aluno é defensor, um é atacante e o outro é o coringa.

A função do coringa é complexa, pois exige do aluno que a ocupar jogar como apoio para um ou mais companheiros e passar a auxiliar a outra equipe caso ocorra uma inversão na posse de bola.

As configurações de 1x0 e 1+1x0 tem uma ênfase mais técnica, devido a sua baixa complexidade, portanto deve-se ter cuidado com seu uso excessivo.

4.1.2 As capacidades cognitivas e o treinamento tático

Destaca-se nesse momento a importância de desenvolver no aluno as capacidades cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão, para que a partir das mesmas, ele possa responder às emergências provenientes do jogo. Algumas das questões que se apresentam e a qual inferem no sucesso das ações são: o que fazer, quando fazer, onde fazer e como fazer (GRECO, 1988; PAULA; GRECO; SOUZA, 2000).

Para tal Greco (1998) propõe três fases de treinamento tático: treinamento tático inicial, posicional e situacional.

A fase de treinamento tático inicial busca: aquisição de conhecimentos táticos; inter-relacionar técnica e tática; identificação e codificação de sinais relevantes; formação de esquemas mentais para a solução de problemas; etc.

A fase de treinamento posicional objetiva: aprimoramento da percepção e da codificação dos sinais relevantes; melhora do conhecimento tático; melhora na relação com os componentes tempo-espaciais presentes no jogo; variação de posições e funções.

Já a fase de treinamento situacional almeja: treinamento da tomada de decisão; variação e inovação nas soluções táticas; treinamento da tomada de decisão em situações de estresse físico e psíquico.

Segundo Greco (1998), os alunos iniciantes tem dificuldade não só em escolher uma ação adequada à situação, mas também no tempo em que eles dispõem para calcular as variáveis envolvidas e ainda ter tempo de concretizar a ação.

Por isso para cada uma das fases de treinamento tático existe um grau de exigência cognitiva, que vai se atenuando progressivamente. O professor deve estar atento para os insucessos do aluno para realizar as intervenções necessárias tanto em forma de correções quanto de adaptações aos exercícios (GRECO, 1998).

4.1.3 As estruturas funcionais

Cada alteração realizada na atividade gera mudanças no estímulo ofertado aos alunos, e provavelmente nas respostas dadas pelos mesmos na busca pela resolução dos problemas.

Essas alterações podem acontecer em diversas estruturas funcionais, algumas das quais listadas por Greco (2013):

- espaço de jogo (largura e profundidade);
- elementos do jogo (maior ou menor);
- complexidade (número de jogadores);
- combinações técnicas (tipos de passes permitidos);
- número de decisões a serem tomadas (mais de uma bola, mais de um alvo);

Quando se trata de uma situação de 3x3, por exemplo, é impossível prever o qual será o resultado, pois este depende das relações de oposição e cooperação, sendo influenciadas pelas tomadas de decisão de cada jogador, defensores e atacantes.

A mesma situação de 3x3 pode acontecer nas fases de ataque posicional ou de transição, no espaço inteiro da quadra ou em um espaço reduzido, e etc.

Digamos que essa situação de 3x3 seja realizada em um espaço de arremesso limitado de dez metros. Os atacantes terão espaço bastante grande para desenvolver as ações ofensivas, e as chances de acontecer um arremesso da linha dos seis metros, apenas com a oposição do goleiro é maior.

Já se for realizado em um espaço de 5 metros, potencializará as possibilidades de arremessos de longa distância.

Efeitos diretos aos que atingem o ataque, devem também agir sobre a defesa, como as ações em largura na primeira situação, e em profundidade na segunda.

4.1.4 Superioridade numérica ofensiva

O método situacional propõe situações de superioridade numérica (através de coringas ou não) e situações de igualdade.

Acreditamos que as situações com superioridade numérica ofensiva têm papel importante na iniciação, pois proporcionam ao atacante uma possibilidade de tomada de decisão mais simples.

Isso acontece porque, em teoria, sempre haverá um atacante desmarcado, portanto cabe ao portador da bola perceber se ele encontra nessa condição ou se não, qual é o companheiro livre.

Quando há a presença do coringa criando a superioridade, cabe ao jogador utilizá-lo de forma a aproveitar essa superioridade, principalmente através dos desmarques.

Essas tomadas de decisão serão exigidas no jogo formal, de maneira mais complexa, e com mais possibilidades de tomada de decisão devido ao maior número de adversários e colegas.

Mesmo o jogo acontecendo em sua maior parte com uma relação de igualdade numérica, diversas ações ofensivas objetivam criar superioridade momentânea do ataque (MENEZES, 2010), o que exigirá as decisões desenvolvidas nas situações reduzidas.

4.1.5 Marcação individual

Diversos trabalhos (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2015; MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015; MENEZES, 2010; FERRAZ; KNIJNIK, 2009), defendem a utilização da marcação individual na iniciação.

Sua aplicação justifica-se por suscitar o desenvolvimento de importantes elementos ofensivos e defensivos, que serão necessários nas situações de defesas zonais.

No ataque, por conta da grande proximidade dos defensores a todo o momento, são desenvolvidos os meios técnico-táticos de desmarques e fintas.

Já os defensores têm a responsabilidade por um atacante direto, com ou sem a bola; tem de se posicionar entre o atacante e o gol; e tem que desenvolver estratégias para dificultar as ações do atacante; e também o desenvolvimento do meio técnico-tático marcação.

Indica-se que o trabalho defensivo zonal seja iniciado pelas defesas abertas, ou seja, defesas com mais de uma linha defensiva, para que aconteça uma transferência mais próxima, e progressiva, das habilidades desenvolvidas na defesa individual, caminhando da defesa mais aberta, que seria a individual, para a mais fechada que seria o 6:0 (MENEZES, 2010; MENEZES; REIS; TOURINHO FILHO, 2015).

Em diversos campeonatos de categorias iniciais (principalmente mirim e infantil) há a obrigatoriedade de se utilizar a marcação individual. [6]

Defendemos que as situações reduzidas de jogo podem também ser realizadas com a presença da marcação individual, objetivando de estimular o desenvolvimento dos elementos ofensivos e defensivos supracitados, seguindo a lógica do método situacional do aumento progressivo das estruturas e de sua complexidade.

[6] Disponível: http://www.fphand.com.br/

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivamos investigar o processo de ensino, vivência e aprendizagem na modalidade handebol, com o foco na iniciação esportiva.

Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da pedagogia do esporte em seus aspectos gerais, e mais detalhadamente na pedagogia dos jogos coletivos e do handebol; um histórico da modalidade no mundo e no país, e uma breve caracterização da mesma; e por fim algumas propostas para o ensino da modalidade.

Através da abordagem da pedagogia do esporte pelos três referenciais (técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural), o ensino do esporte ganha novos significados, ainda prezando os saberes específicos das modalidades, mas também educando para a vida, e formando cidadãos mais críticos.

Destacamos que todo o processo de ensino, vivência e aprendizagem deve ser centrado no aluno, protagonista do mesmo. E que a motivação é um fator de grande importância na continuidade na prática esportiva, especialmente em crianças.

A eficiência do ensino depende da aprendizagem resultante, portanto os professores devem sempre basear suas escolhas metodológicas de ensino em seu aluno, o cenário em que ele se encontra e objetivo inerente à prática.

Passando ao ensino dos jogos coletivos, este tem que ser condizente com a realidade complexa que os compõe, tendo presente no ambiente de ensino as características inerentes ao jogo, em especial a imprevisibilidade.

O handebol apresenta como base de sua estrutura as relações de oposição e cooperação, em situações de ataque e defesa, tendo como referência para suas ações a posse ou não da bola.

Os jogadores para obter êxito tanto como defensores quanto como atacantes necessitam perceber os sinais relevantes, antecipar as ações de seus adversários e tomar decisões adequadas.

Para se formar atletas que consigam desempenhar essas funções sugerimos a metodologia situacional, que através da simplificação do jogo em estruturas funcionais, proporciona ao aprendiz vivenciar múltiplas situações, que contem elementos do jogo formal, mas com menos variáveis.

Esse método de ensino proporciona ao atleta jogar, e desenvolver seus processos cognitivos, de acordo com as capacidades de jogo que o mesmo já detém. E assim,

progressivamente, através das situações, ir ascendendo a possibilidades cada vez mais complexas de jogo.

Quanto mais variadas e complexas forem as propostas pedagógicas, e ao mesmo tempo, contextualizadas com a realidade do jogo e o nível de prática dos alunos, mais respostas estes terão para as situações-problema e possivelmente, mais sucesso eles terão na prática do handebol.

Cabe ao professor se apropriar das múltiplas ferramentas disponíveis, e utilizá-las de acordo com as demandas apresentadas por seus alunos, para auxiliá-los em seu desenvolvimento dentro e fora de quadra, como atletas e como cidadãos.

REFERÊNCIAS

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos.** Lisboa: Dinalivro, 1994.

BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.

CASTRO, D. **A concepção estratégico-tática no handebol:** implicações
Para a formação de jogadores inteligentes. 2013. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FERRAZ, O. L.; KNIJNIK, J. D. (Coord.): **Handebol.** São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol.** Londrina: Midiograf, 1998.

FRIGATO, R. P. D. **A importância da relação interpessoal entre professor-aluno, técnico-atleta no processo de iniciação desportiva e treinamento universitário na modalidade desportiva basquetebol.** 2000. 68f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista de Educação Física/UEM,** Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 1. trim. 2014.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos.** Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física Universidade do Porto. 1995.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. O ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO; J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GRECO, P. J. La formación de jugadores inteligentes. **Revista de Educación Física Y Deportiva Stadium**, Argentina, v. 22, n. 1, abr. 1988.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal:** metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; MORALES, J. C. P.; COSTA, G. G. T. (Org.) **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão a prática.** Londrina: Eduem, 2013.

HUBNER, E.; REIS, C. Handebol. In: COSTA, L. P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil:** Rio de Janeiro, Shape, 2005.
LEONARDI, T. J et al. Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58, ago. 2014.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Revista Motriz,** Rio Claro, v.15, n.2, p.236-246, abr./jun. 2009.

MACHADO, G. V. **Pedagogia do esporte: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal.** 2012. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACHADO, G. V. et al. **Pedagogia do Esporte e dimensão conceitual**: o conhecimento na perspectiva das atletas de basquetebol da cidade de Taubaté, SP – Brasil. In: 3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos, 2011, Porto. 3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos, 2011.

MARQUES, A. Deporto: ensino e treino. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MENEZES, R. P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática,** Goiânia, v. 13, n. 1, p. 115, jan./abr., 2010.

MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol:** necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 302f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. **Movimento: Revista da Escola de Educação Física da UFGRS,** Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 463-477, abr./jun. de 2015.

MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B.; TOURINHO FILHO, H. Ensino aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. **Movimento,** Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 261-273, jan./mar., 2015.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Modelos de Ensino dos Jogos Desportivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

OLIVEIRA, V. **O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol.** 2002. 144p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PAES, R.R. **Educação Física Escolar:** o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental, 1996. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PAULA, P. F. A; GRECO, P. J.; SOUZA, P. R. C. Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais V em educação física e esportes.** Belo Horizonte: Editora Health, 2000.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa.** 1998. 262f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.). **Pedagogia do Esporte:** aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1-24, 2005.

SILVA, R. S. **Metodologias de treinamento no handebol: pesquisa bibliográfica.** Monografia (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.